

COMPRIMIDO III

*Naufrágio*

Comando uma fragata naufragada  
 Arrasto pelas águas a idade do tempo  
 Os dias  
 os segundos  
 as lágrimas  
 Tudo é feito de água  
 os olho  
 a carne  
 os cascos dos navios

Viajo sobre as pedras líquidas da noite  
 Nunca aportarei ao branco cais dos beijos  
 Azuis  
 Verdes  
 cor de sangue  
 O azimute é das gaivotas  
 Amplo  
 Incompleto  
 Todo o mar é meu

COMPRIMIDO IV

*Poema único*

O sol morria à tarde, docemente.  
 Quando em ti meus olhos se ficaram  
 Cegos para tudo se mostravam  
 Só para ti sorriam ternamente  
 Havia-te encontrado - finalmente  
 Quando julgava ter perdido os passos  
 de te procurar com os olhos baços  
 Sem esperança, cansados entre a gente  
 Encontrei-te então no sonho de uma tarde  
 Sonho único, abrasador, qual fogueira que  
 arde  
 e espalha no vento chamuscas cintilantes  
 Foi quando o sol morria docemente  
 e o contraste da luz desse poente  
 dos teus olhos fazia dois brilhante.

COMPRIMIDO V

*Vem*

Vem  
 Quando se fizer silêncio em meu redor  
 e a urze se cobrir de violeta

Vem  
 Quando as palavras se esgotarem de cansadas  
 e só restem as claras madrugadas

Vem  
 Quando o eco do meu grito  
 se deixar de ouvir pelas quebradas

Vem  
 Quando os meus lábios secos  
 já não pronunciarem o teu nome

COMPRIMIDO VI

*Elevação*

O silêncio da tua voz quebrou o tempo  
 A doce madrugada emudeceu  
 só porque havia em ti um resto de alvorada  
 Sem palavras, sem nada  
 Gestos de asas paradas  
 que pretenderam voar, subir ao céu  
 Foi lindo de ver as tuas asas brancas  
 pairar por momentos no espaço  
 Depois frágeis que eram se ficaram  
 e tu caías devagar no meu regaço  
 E nesse instante supremo eu vi a tua dor  
 e disse-te baixinho, voarás um dia meu amor.

*Chove em Pedorido*

Chove em Pedorido meu amor  
 E tudo à minha volta é frio, é dor  
 Desolação, tristeza e agonia  
 Violenta agita as águas do meu rio a nortada  
 Soluçam os barcos saudosos de acalmia  
 Estremecem os salgueiros, é fria a madrugada  
 Tudo se perde neste tempo meu amor  
 Só a tua saudade mora aqui ao pé da dor  
 Já nada entra de luz esta paisagem  
 E inverno, murcharam já edíficos amores  
 As delicadas rosa, os perfumes, as flores  
 O vento frio lançetou a amena aragem  
 Chove sobre Pedorido doce encanto  
 Foi-se a alegria e o desespero é tanto  
 Que nem lágrimas restam neste mar de  
 [escolhos  
 Secaram, ficaram aquém das distancias  
 [dejeitadas  
 Procuraram-te em vão e então desesperadas  
 Já só humedecem o verde dos meus olhos

COMPRIMIDO I

Novembro de 2015  
 Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO II

*O sorriso do Rio*

Todas, as noites ouves as antigas vozes.  
 Raparigas alegres girando sob a lua.  
 E as tuas mãos a procurar os versos que faltam  
 [no último poema  
 Os arco-íris desenhados na água são as cores  
 [do passado.  
 E tu sorris como o vento. Mas conheces a  
 [verdade toda  
 e sentes a partida das gaiivotas.  
 O rio Douro compreende esse acenar e chora.  
 E as rugas a entortar o céu detradreiro porto  
 [no teu rio.  
 E o barco à espera de um sinal, que fale na  
 [última viagem.  
 Olha, ela sacudindo as tranças acola, a  
 [saltitar na areia.  
 Que linda que ela era a mocidade, borboleta  
 [que tão pouco durou.  
 Lembra-te Barqueiro?  
 Eu sei que não! Então porque sorris?  
 Ah! Tu és o rio Douro inteiro e os rios são  
 [eternos...



**Manuel Araújo da Cunha**, nasceu e reside em Rio Mau pequena aldeia de pescadores, lavradores, barqueiros e mineiros, situada na mar-

gem direita do rio Douro e no extremo sul do concelho de Penafiel. É autor dos livros: Contos do Douro, Dourointeiro, Dourolindo, A Ninfa do Douro, Palavras- Conversas com um Rio e Fado Falado-Crónicas do Facebook. Administra os blogues: Dourointeiro e Douro Lindo. No Facebook além da página pessoal e a de Autor, administra os Grupos: Livros, Escritaria e Douro Lindo.

## CLARO DE LUNA

Aconteceu há muitos anos num dia frio de Inverno. Numa das centenas de vezes em que percorria as estradas das margens do rio Douro. Numa delas fui absorvido pelo desmorlar de acontecimentos surpreendentes. Foi no concelho de Baião precisamente quando passava por S. João de Ovil pequena povoação implantada na serra da Aboboreira com o contraforte granítico da serra do Marão à vista, que começou a chover por volta das seis horas da tarde e rapidamente a precipitação transformou-se num extenso nevão que me obrigou a procurar refúgio na "A Lareira", café bar, nesse tempo sob a gerência do amigo Armando Guedes e a funcionar como improvisada residencial situada no centro da vila em Campelo.

Não devia estar ali a essa hora, o normal seria ter descido na direcção de Mesão Frio e a meio do percurso cortar à direita até Gestacó, parar na taberna do Zé Pereira, ou na Enna, beber um verde branco especial e dali descer até Santa Marinha do Zezere e hospedar-me na pensão "Romana" ou na "Ideal" do meu amigo Armando Azeredo e por lá permanecer até ao dia seguinte continuando a viagem pela margem direita do rio Douro até chegar a casa.

Eram poucos os viajantes dessa noite. Dois ou três, que os outros que demandavam essas paragens nesse tempo, presentindo a adversidade climatérica, já tinham regressado aos seus pontos de origem.

Jantei na pequena sala que tinha um piano protegido com um pano de veludo de cor vermelha que silencioso parecia repousar de árdios concertos do passado.

A lareira acesa crepitava no canto esquerdo do bar e assegurava o calor requerido por aquela noite confortável dentro do estabelecimento mas gelada lá fora nas ruas onde a neve se ia amontoando sem critério ou forma.

Ela surgiu com vestes brancas de princesa, parecia um anjo e possuía a cobrir-lhe o corpo franzino um corpete gracioso enfeitado com uma gola de babados e um lacinho no centro. As grandes mangas enchidas, tinham fitas de seda que formavam dobras e envolviam com fino algodão os seus braços. As camadas de tule de crinolina por baixo da saia, criavam uma roda, um véu que se lhe desprendia livre da cintura, arrastava-se pelo chão de tijoleira vermelha encerrada, produzindo um efeito de noivado ou qualquer coisa extremamente fantástica saída de um mirabolante conto oriental.

Sentou-se ao piano, apressadamente alguém retirou a túnica de veludo vermelho que o cobria e um silêncio pesado tomou conta do espaço da sala de jantar. Os seus dedos graciosos e finos assentaram com a leveza de plumas na brancura do doce teclado de marfim e uma música de movimento lento, majestoso e sombrio, transformou a atmosfera num romântico jardim solitário que repousa na escuridão da noite. Quando a média luz do recinto lhe incidia no rosto, notavam-se-lhe os traços serenos e a suavidade das linhas da cara demasiado perfeita para parecer simplesmente humana. Depois uma triste e infinitamente amorosa melodia permeou todo o movimento das abençoadas mãos da mulher pianista e, repentinamente no evoluir da sonata Claro di Luna, o inteiro significado da esmagadora e mística beleza que a atravessava, foi revelado aos privilegiados seres humanos que a escutavam. Foi como se uma lua gigante nascesse ali e gradualmente banhasse esse antes obscuro jardim e o transformasse num cenário de sonho e esplendor maravilhoso.

Seguiu-se uma pausa sem respiros, começou o segundo movimento e o pequeno éden encheu-se com espíritos alados que bailavam delicadamente e absorviam o prazer dos harmoniosos sons movendo-se com um abandono de ritmo que parecia transportá-los para muito longe dali numa nuvem, num turbilhão imenso de prazer impossível de descrever. Um baque súbito e outro silêncio de suspense antecederam o terceiro movimento. Como uma luçada de vento que fustiga as árvores em redor e obriga os espíritos a refugiarem-se à pressa num abrigo, as notas caíam desconexas e em redemoinhos como costuma fazer a ventania quando sopra desvairada sobre as plantas, enquanto as nuvens corriam apressadamente pela fugaz brancura nocturna do céu. Então por entre os espaços claros, via-se a lua cavalgando majestosamente no universo e a inundar o tortuoso jardim com doces e serenas músicas de luz.

Foi há tanto tempo mas ainda conservo comigo o perfume dessa noite mágica e num prodigioso assumo de memória, reconstruo o momento, as mãos e o angelical rosto da mais insigne e maravilhosa pianista que alguma vez o Douro conheceu.

*Comprimidos Literários de Manuel Araújo da Cunha*

*Ilustração de Marta de Aguiar*

5

*Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportu.pt*

*Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 3-1 de outubro de 2015*